

TV Multimídia: uma tela de oportunidades para a Educomunicação nas escolas públicas do Paraná

Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

Orientadora do Trabalho. Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Universidade Paris 8 – Vincennes. Professora do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPR.

E-mail: rmdcosta@uol.com.br

Luis Otávio Dias

Jornalista, mestrando em Educação da UFPR.

E-mail: fototavio@yahoo.com.br

Resumo: O artigo trata dos desafios que envolvem a metodologia de uma pesquisa empírica, desde o estudo exploratório, definição do campo, dos critérios, até as técnicas de coleta de dados. Apresenta análise de trabalho do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob a ótica do objeto TV Multimídia. O texto traz dados de uma abordagem qualitativa, ao analisar a apropriação a qual os professores de Curitiba fazem da TV Multimídia em sala de aula. Sob orientação da Prof^a Dr^a Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, a pesquisa discorre sobre as inter-relações entre cultura, escola e ensino. Algumas das referências consultadas são Geneviève Jacquinot-Delaunay, Rosa Maria Bueno Fischer, Dominique Wolton, Ismar de Oliveira Soares, Adilson Citelli e Maria Isabel Orofino.

Palavras-chave: TV multimídia; escola; educomunicação.

Abstract: The article discusses the challenges involving the methodology of empirical research, from the exploratory study, the field definition, criteria, to the techniques of data collection. Paper presents an analysis of the Masters in Education at the Federal University of Parana (UFPR), from the perspective of the object TV Multimedia. The article discusses data from a qualitative approach to analyze the appropriation to which teachers Curitiba make TV Multimedia in the classroom. Under the guidance of Prof^a. Dr^a. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, the research discusses the inter-relationships between culture, education and teaching. Some of the references consulted are Geneviève Jacquinot-Delaunay, Rosa Maria Bueno Fischer, Dominique Wolton, Ismar de Oliveira Soares, Adilson Citelli and Maria Isabel Orofino.

Keywords: TV multimedia; school; educommunication.

CENÁRIO

Há um consenso entre pesquisadores e estudiosos de que a escola tornou-se um campo vasto para a pesquisa em comunicação, aberta a novas possibilidades de investigação, experimentações e de mediações.

Recebido em: 13/03/2013

Aprovado em: 08/05/2013

É um ambiente em que também se permitem aproximações com outras disciplinas, abrindo canal para o avanço de novas epistemologias e manifestações culturais distintas. Sob essa ótica, a sala de aula é um espaço explorado por pesquisadores em todo o mundo, se tornando peça-chave da investigação e do campo empírico.

Orofino (2005), seguindo a proposta de Gadotti e Romão (1997), vê a escola como:

local de encontro de muitos sistemas simbólicos, ou seja, de “muitas culturas”, seja aquela de bagagem pessoal e de identidade dos diferentes alunos, alunas e professores, seja a cultura erudita que ali é ensinada, ou, ainda, a cultura popular regional do local onde a escola está situada. Este quadro se torna mais complexo quando então acrescentamos a todas essas dimensões o entrelaçamento da cultura midiática que temos hoje. [...] Portanto, não há escola, por mais distante e diversa que seja, que conviva sem a presença de algumas influências da cultura das mídias¹.

Muito do que se passa na tevê pode ser transformado em conteúdo de sala de aula. Materiais jornalísticos, filmes, comerciais, documentários, novelas, entre outros programas do nosso cotidiano, podem servir de apoio para o professor aproximar o aluno do tema tratado em sala. Essa constatação pode ser confirmada por Melo e Tosta (2008):

Os meios de comunicação informam e conformam pontos de vista a partir dos quais interpretamos assuntos. Isso ocorre porque esses meios se configuram também como “educadores”, dividindo essas funções com agências socializadoras tradicionais, como a família e a escola. [...] Contudo, importa entender que a recepção de bens simbólicos por parte de alunos, receptores ou usuários da escola e da mídia depende de “filtros” que tornam esse processo complexo, criativo e ativo, contrariando as teses de que receptores de produtos da mídia e da escola são consumidores passivos².

É possível acrescentar, na afirmação de Melo e Tosta (2008), que os professores, mesmo sem um conhecimento profundo das metodologias de ensino mais adequadas, ao utilizarem novas tecnologias em sala, como no caso das TVs Multimídias do Paraná, se arriscam e fazem do equipamento em uso um meio para aperfeiçoar o aprendizado das disciplinas. A afirmação se fortalece ainda mais quando dados estatísticos mostram que a televisão está presente em praticamente 100% dos domicílios brasileiros³.

Vinte anos de desenvolvimento tecnológico, considerando o *boom* da internet na década de 1990, também podem explicar as mudanças da escola ante os meios de comunicação. Hoje, a informação está disponível em diferentes plataformas digitais e virtuais de comunicação. As telas se multiplicaram.

Uma evolução que mexe com o comportamento da sociedade. Uma mostra dessa mudança é que, a partir de 1998, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, o PNAD, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), incorporou, na pesquisa básica, a existência de rádio e televisão nos domicílios particulares permanentes. O PNAD foi implantado no Brasil a partir de 1967⁴.

1. OROFINO, Maria Isabel. *Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. v. 12, p. 40.

2. MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. *Mídia e educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação, p. 50).

3. Levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 2009, revelou que 95,7% dos domicílios brasileiros possuem televisão.

4. Dados oficiais do IBGE, disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevi-da/indicadoresminimos/sinteseindicisociais2004/notatecnicapnad.pdf>>. Acesso em: 11 maio 11.

A tevê comum, de casa, também chegou à escola na forma de um equipamento multimídia, com algumas mudanças na sua estrutura. A TV Multimídia, TV *Pen Drive* ou TV Laranja, tema principal deste trabalho, está presente em todas as salas de aula das escolas do ensino público do Paraná. O governo estadual comprou 22 mil televisores, feitos sob encomenda, e instalou, a partir do segundo semestre de 2007, nos 2.121⁵ estabelecimentos de ensino do Paraná. A opção do governo em optar por essa ferramenta inaugurou um novo modelo de política educacional, pelo pioneirismo do projeto no Brasil.

Cada professor recebeu um *pen drive* de 2GB para gravar arquivos e passar o conteúdo na tevê. O equipamento ainda possui outros recursos técnicos, como leitor de cartões de memória e capacidade de ler diferentes extensões de arquivos de imagem, vídeo e áudio. O projeto é coordenado pela Diretoria de Tecnologias Educacionais (Ditec), órgão vinculado à Secretaria de Estado da Educação (SEED).

Conhecer tecnicamente a versatilidade do equipamento, sua funcionalidade e especificidades, foram os primeiros desafios que os professores tiveram que enfrentar. Vencida essa barreira, a análise de dados evidenciou pontos-chave sobre a apropriação que os professores fazem da TV Multimídia, passando pela reorganização da preparação das aulas; divisão do tempo entre o ensino pela tevê e o ensino tradicional; incertezas sobre o melhor modelo de conteúdo para incentivar a participação dos alunos e melhorar o aprendizado em sala; e a criação de um ambiente comunicativo democrático.

A TV Multimídia é um complemento, um acessório pedagógico, que, para muitos professores, se tornou um instrumento indispensável para as suas aulas, ao mesmo tempo em que provoca resistência entre outros educadores.

Embora o termo soe como novidade, as pesquisas que envolvem a Educomunicação, no Brasil, começam a se fortalecer com a expansão da televisão e do rádio, após a segunda metade do século XX⁶.

Pesquisadores e estudiosos no assunto vêm contribuindo para a pesquisa científica, enfrentando um debate extenso sobre o tema. Nesse contexto, a comunidade escolar, como um todo, compõe os elementos e sujeitos do campo empírico desta pesquisa.

EDUCOMUNICAÇÃO: CONCEITO E APROXIMAÇÕES

Com a TV Multimídia, a escola começa a manifestar uma nova atmosfera de possibilidades que levam a sala de aula a se transformar em um ambiente comunicativo por meio de práticas pedagógicas. Esse cenário, composto de duas áreas do conhecimento, a Educação e a Comunicação, reflete os fundamentos e conceitos da Educomunicação, definidos por Soares (2011) como:

O conjunto de ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, dessa forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas⁷.

5. Dado oficial de 2010. Secretaria de Estado de Educação do Paraná.

6. DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. Estudos de recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga; HORN, Geraldo Balduino. *Diálogos e perspectivas de investigação*. Ijuí: Unijuí, 2008. p. 95-119.

7. SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*; contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 36.

Os professores passaram por um período de adaptação à TV Multimídia, esbarraram em algumas questões de ordem técnica, de preparação e apresentação dos conteúdos, que, com o tempo, foram superados. Conseguiram, assim, transformar o espaço da sala de aula em um ambiente comunicativo e democrático, e, apesar dos desafios, são unânimes em afirmar que a televisão contribui sobremaneira com o ensino e a aprendizagem.

A partir de uma questão levantada por Soares – “como o sistema de educação deve entender o sistema de meios e construir ecossistemas comunicativos a partir da realidade mediática em que estamos todos inseridos?”⁸ –, é possível elaborar outra questão relevante, levando-se em conta a pesquisa sobre a política educacional do Paraná: quais as apropriações que os professores fazem da TV Multimídia para construir ambientes comunicativo-democráticos na sala de aula?

Para aprimorar a discussão, vale nos espelharmos em projetos concretos, como o desenvolvido pela pesquisadora francesa Geneviève Jacquinot-Delaunay na escola de ensino secundário Marly-le-Roi, em Paris, entre 1967 e 1979.

De modo geral, tratava-se de um circuito de TV fechado, a cabo, disponibilizado em seis salas de aula da sexta série (equiparando ao nosso ensino brasileiro), capaz de interagir com o professor e aluno em tempo real. As produções dos programas eram feitas pelos próprios professores e, ao aluno, era dada a oportunidade de participar como receptor e coautor da produção. Inúmeros trabalhos feitos por alunos foram apresentados pelo professor-apresentador do programa.

Para Jacquinot-Delaunay, “a televisão sempre é educativa, ainda que seja de uma maneira que escape à pedagogia”⁹. Ela defende a presença da TV na escola e enfatiza como principais características dessas tecnologias: o acesso direto e rápido a uma grande quantidade de dados; a mistura e manipulação de novas possibilidades de articulação; a simulação de situações do mundo real mediante mundos virtuais ou realidades virtuais; e a interatividade. Esta tem como primordial, ao dizer que “a interatividade atenua a separação clássica entre a postura do autor e aquela do leitor, e o utilizador pode ser sucessivamente emissor e receptor, aquele que produz e que reage”¹⁰.

Wolton reforça que o papel da TV na escola vai além da simples transmissão da mensagem ao concluir que:

Somente a transmissão não basta; é preciso frequentemente negociar. Assim, no campo da educação, é preciso transmitir os conhecimentos, mas em relação ao passado estamos muito mais sensíveis às condições da recepção. O ensino sempre esteve relacionado à pedagogia e à didática, mas, hoje, os professores estão muito mais atentos às condições da recepção. Há evidentemente um anacronismo em censurar o mundo escolar por não ser moderno: ensino sempre foi comunicar, isto é, pensar nas modalidades que permitem ao receptor, o aluno, compreender aquilo que lhe é dito, e ao professor, por sua vez, levar em conta as reações de seu aluno¹¹.

Fischer (2006) complementa que a tevê está cercada de novas possibilidades na Educação contemporânea, pois é vista

8. SOARES, Ismar de Oliveira. Comunicação/ Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, v. 1, n. 2, p. 19-74, jan./mar. 1999; aqui, p. 22.

9. Tradução livre dos autores para “la televisión siempre es educativa, aunque lo sea de una manera que escape à pedagogia”. JACQUINOT, Geneviève. *La escuela frente a las pantallas* (A escola ante as telas). Tradução de Marta Marin. 2. ed. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1985. p. 10.

10. JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. Novas tecnologias, novas competências. Tradução de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. *Revista Educar*, Curitiba: Editora UFPR, n. 31, p. 267-284, jan./jun. 2008; aqui p. 274.

11. WOLTON, Domini-que. *É preciso salvar a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 29-30.

[...] como produção cultural que nos oferece uma série de possibilidades de expressão audiovisual, de comunicação de sentidos, ideias, indagações, informações; ao mesmo tempo, desejamos fazer desse estudo da TV uma forma de pensar os problemas, as possibilidades e os impasses da educação na contemporaneidade – fortemente marcados por alguns sintomas culturais, relacionados às mudanças tecnológicas nas diferentes práticas de comunicação e de informação do nosso tempo¹².

Citelli (2004) revela o desafio que é para professores administrar conteúdos escolares muitas vezes superados, num processo que consome tempo e energia, “dificultando a superação das distonias entre as dinâmicas da história e a cristalização do discurso escolar”¹³. O autor confirma que, para as instituições de ensino se reajustarem, terão de fazer uma análise dos processos comunicativos na vida da comunidade escolar como um todo (alunos, professores, diretores, dentre outros).

A PESQUISA DE CAMPO, O OBJETIVO E A METODOLOGIA

A pesquisa empírica requer do pesquisador um envolvimento com o projeto, de forma que ele seja o mais fiel possível à realidade dos fatos, num processo que vai exigir uma coleta de dados adequada, que responda, com veracidade, as inquietações apontadas nos objetivos.

Gamboa (2009) afirma que o conhecimento acontece quando se consegue captar o significado dos fenômenos, desvendando seu verdadeiro sentido a partir de suas manifestações empíricas. Para ele, em uma abordagem qualitativa, como a adotada neste trabalho, o conhecimento se faz a partir do ato de “compreender os fenômenos em suas diversas manifestações e contextos. Para tanto, o sujeito tem que intervir, interpretando, procurando seu sentido, e utilizando técnicas abertas que permitam a manifestação profunda dos fenômenos”¹⁴.

A pesquisa aqui proposta tem como objetivo geral analisar quais as apropriações que os professores fazem da televisão na sala de aula. Nesta investigação, busca-se, nos objetivos específicos, verificar a adaptabilidade e experiência dos professores ante as mídias digitais e identificar os formatos e produção dos conteúdos utilizados.

A delimitação do campo da pesquisa se deu em coparticipação com trabalho concluído de Mestrado em Educação da UFPR¹⁵, em que foram selecionadas 68 escolas do município de Curitiba, do total de 151 instituições existentes. As escolas foram mapeadas de modo a atingir todos os bairros da cidade, optando por escolher aquelas com maior número de alunos. Foi elaborado um questionário¹⁶ de perguntas fechadas, respondido por professores de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental.

Chegou-se a um número de cerca de 2.500 professores. No total, foram respondidos 627 questionários. Com os questionários em mãos, partiu-se para a metodologia adotada por esta pesquisa.

12. FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17.

13. CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação: a linguagem em movimento*. 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2004. p. 16.

14. SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). *Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 42, p. 95. (Coleção Questões da Nossa Época).

15. A pedagoga Elizandra Jackiw também desenvolveu seu Mestrado em Educação da Universidade Federal do Paraná (2009/2010) tendo a TV Multimídia como objeto. Embora os objetivos e perspectivas de análise da acadêmica sejam distintos dos apresentados neste trabalho, o ponto de partida nos uniu em momentos específicos da metodologia. Jackiw defendeu sua dissertação em 28 de março de 2011, sob o título: *TV Multimídia: pesquisando e gravando conteúdos no pen drive: possibilidades e desafios*.

16. A distribuição dos questionários para as escolas selecionadas contou com a coparticipação do autor deste artigo, integrando a metodologia da pesquisa.

O recorte foi definido de acordo com a pergunta sobre a frequência do uso da TV Multimídia. Cerca de 28% dos professores responderam que usam o equipamento com frequência. Desse total de aproximadamente 175 professores, foram escolhidos 16 deles com base em alguns critérios predefinidos, como gênero (masculino e feminino), idade (mais jovens e mais velhos), tempo de serviço e disciplina.

Os professores estão lotados em escolas pertencentes aos oito setores do Núcleo Regional de Educação de Curitiba, denominados de Santa Cândida, Boa Vista, Centro, Portão, Cajuru, Boqueirão, Pinheirinho e Bairro Novo.

Dentre as tipologias de entrevistas, optou-se pela que Lessard-Herbert, Goyette e Boutin (2009) denominam de entrevista clínica, orientada, semiestruturada com um número definido de questões. Sobre esse procedimento metodológico, Flick (2009) explica que as entrevistas semiestruturadas têm atraído o interesse dos pesquisadores e passam a ser amplamente utilizadas. Isso porque, nesse tipo de entrevista, “é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em questionário”¹⁷.

Foi possível analisar a apropriação, os formatos de aulas e de matérias e conteúdos utilizados, a interatividade com os alunos e as vulnerabilidades, por exemplo, pelas quais os professores passaram.

ANÁLISE DA PESQUISA

O roteiro predefinido para a entrevista foi dividido em três partes de acordo com os objetivos específicos da pesquisa. A primeira parte foi dedicada a analisar a apropriação da TV Multimídia pelo professor. A segunda serviu para identificar os formatos e produção dos conteúdos. A terceira parte tentou constatar como os professores avaliam a utilização que fazem da TV Multimídia e como o equipamento se insere na cultura da escola. Para preservar a identidade, os entrevistados estão nominados de P1, P2, e assim por diante. A análise das respostas mostra os dados mais evidentes da pesquisa.

1. Primeiro Contato

P1 – Soube da TV nas reuniões pedagógicas com a diretora, inclusive a direção daqui sempre enfatizou o uso da TV. O comunicado direto aos professores foi feito pela direção. Pelo que me lembro, não vi em outro lugar esse comunicado. Se não me engano, nos jornais, no período que elas começaram a chegar.

2. Acesso facilitado

Os professores contam o que facilitou a instalação da TV Multimídia na sala, compondo o ambiente ao lado da lousa, das carteiras, dos armários, dos cartazes, do livro didático.

17. FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 143.

P8 – O pensamento realmente foi de facilitar, até pela minha disciplina de Geografia. Eu não preciso levar mapas pra sala de aula hoje em dia, porque eu posso trazer a imagem do mapa no *pen drive*, além da forma mais dinâmica de trabalhar com os alunos.

3. Apropriação

Nessa categoria, principal objetivo da pesquisa, buscou-se encontrar no modelo de aula preparada pelo professor, na divisão do tempo, na seleção de conteúdos, as apropriações que ele faz da TV Multimídia.

P1 – As aulas não são só expositivas, a gente tem que ter uma aula participativa, o aluno tem que realizar atividades, o professor quer explicar, às vezes, com suas próprias palavras e utiliza o quadro pra isso. Acho que a tevê é uma complementação. Nas minhas aulas, não utilizo mais o quadro pra passar o conteúdo complementar do livro, uso a tevê. Ao invés de trazer um texto *xerocado* ou pegar um exercício e passar no quadro, você transforma tudo isso em material para a tevê, que pode complementar com figuras e vídeos.

4. Adaptabilidade ao modelo

A TV Multimídia inaugurou um novo modelo de televisão na escola, diferente daquele que os professores estavam acostumados. Os professores precisaram se adaptar ao equipamento que chegou às salas de aula com características diferenciadas. A funcionalidade da tela se multiplicou com o uso do *pen drive*, do cartão de memória de máquinas fotográficas, servindo de projetor leitor de arquivos de áudio, vídeos e imagens.

P5 – No princípio aguçou a curiosidade. A gente não sabia como trazer a informação para os alunos. Você tinha que aprender primeiro como trazer essa informação e de que forma você ia usar. Porque se você for ficar no tradicional, no quadro, você não dá aula. Como a gente tá na era da informática, eu achei assim: tevê, que ótimo, porque o que eu não puder falar eu vou mostrar.

5. Suporte

Sem o conhecimento dos conceitos da Educomunicação, os professores não se intimidaram e não estão medindo esforços para ultrapassar as barreiras que encontram pela frente. Alguns recebem ajuda de um técnico de informática, na própria escola, outros pedem ajuda de familiares em casa.

P1 – A gente sente dificuldade, às vezes, na leitura dos arquivos. Você presenciou lá na sala (no dia em que participei de uma aula como observador) que muitos arquivos não abrem, porque tem que exportar. Também porque na escola a gente usa o Linux e não o Windows (sistemas operacionais de computador). Pra gente conseguir exportar esses arquivos, pra gente entender melhor isso, a presença

do Douglas (técnico de informática, funcionário da escola) aqui foi essencial. Se ele não estivesse aqui, quem ia esclarecer pra gente essas questões técnicas, de como exportar os arquivos corretamente?

6. Vulnerabilidades

Em alguns momentos das entrevistas, mas não com todos os professores, ficaram evidentes os medos e as dúvidas sobre como lidar com os vários formatos de conteúdos, como editá-los e como apresentá-los aos alunos.

P14 – A maioria não sabia nem como usar. Grande parte dos professores aprendeu sozinho. A SEED ofereceu o curso, mas foi para uma minoria de professores, e esses professores eram responsáveis por passar essas informações para os demais. E claro que isso não foi o sucesso esperado. Foi uma novidade, mas até a maioria saber utilizar foi complicadinho.

7. Fontes de pesquisa – Portal Dia a Dia Educação

Os professores passaram a navegar na internet em busca de materiais para complementar suas aulas na TV Multimídia. Mas é importante esclarecer que se trata de uma navegação na web com critérios de pesquisa, em sites de informação sobre o tema da aula. Nesse processo, o professor também é o editor do conteúdo que produz.

P1 – Eu utilizo os vídeos, trechos de filmes, às vezes, mas a composição das aulas é feita por mim. Preparo, escrevo, faço os *slides*, procuro os *slides* na internet; tem conteúdo que a gente não encontra.

P16 – Eu utilizo, é bem organizado. Eu sou professora de História. Então vou à seção de História pra ver o que tem, como documentários, filmes, e selecionar pelo conteúdo que eu quero. Se quero a Revolução Russa, vejo o que tem, assisto antes. E lá no portal já está tudo convertido: tem um ícone com o desenho de um *pen drive*, e é só clicar para salvar o arquivo.

8. Interatividade

A educação interage com a comunicação nesse processo de interação e busca, com isso, aprimorar o ensino e o aprendizado. Com muito talento e dedicação, os professores das escolas estaduais de Curitiba começam a materializar essa troca produtiva por meio da TV Multimídia.

P10 – Foi fantástico, porque a ideia deles (os alunos) de tevê era a do aparelho em si e do DVD. Sabe como era a tevê antes: faltava um professor, o pedagogo ia lá, colocava um filminho pra eles assistirem. Essa era a função da tevê na escola, cobrir falta de professor; no dia que o professor não estava muito a fim de dar aula, passava um filminho. A TV Multimídia acaba com isso, ou você prepara a sua aula pra passar, ou não tem como utilizar.

9. Educomunicação

As escolas estaduais de Curitiba estão de portas abertas para os estudos da Educomunicação e atitudes de mudanças no ensino público preveem a utilização de tecnologias educacionais nas escolas, conforme explica Soares (2011). Foi possível constatar que os professores participantes da pesquisa não se desqualificam por construir esse cenário, muitas vezes sozinhos, buscando, por conta própria, aprimorar seus conhecimentos por meio de pós-graduações sobre mídias e educação, ou tecnologias educacionais.

P12 – Na realidade, a comunicação sempre esteve presente em sala. A única coisa é que ela não era utilizada para fins educacionais. Só era colocada a tevê como uma forma do pessoal relaxar, descansar. Pra mim, a tevê se tornou uma forma agradável de poder fazer a ligação entre o conteúdo e a própria comunicação mais voltada pro ensino. [...] Eles (os alunos) já montaram projetos e utilizaram a TV *Pen Drive* como forma de apresentação dos trabalhos, complementando a parte escrita.

Quando nos vemos ante um cenário como o que se encontram as TVs Multimídias, envoltas por questões políticas, interesses pessoais, trocas de comandos de governos, questiona-se de imediato a eficácia do projeto e sua durabilidade ao longo dos anos.

Importante ressaltar que o principal elemento motivador de pesquisar a TV Multimídia foi o fato de o campo empírico se situar nas dependências do ensino público. Um motivo mais que compensador.

A pesquisadora francesa Jacquinet-Delaunay expressou sua preocupação com projetos como os da TV Multimídia, modelo que ainda tem espaço na França, de se preservar sua permanência e continuidade. Retomando o ponto de vista dela, é que se dá muita importância para o material durante um tempo, mas não o suficiente para torná-lo duradouro. Essa questão permeou o trabalho com as TVs Multimídias durante toda a pesquisa de campo.

Desde o início dessa pesquisa, em 2009, o fato de o objeto da pesquisa fazer parte de uma política de governo, não foi deixado de lado. Durante esse período, o Paraná passou por uma eleição majoritária, em outubro de 2010. O grupo político do então governador Roberto Requião (PMDB), que vinha de uma reeleição, não continuou no comando do Estado. Assumiu o governo do PSDB, com Beto Richa. As entrevistas com os professores ocorreram exatamente em 2011, primeiro ano do novo governo.

A pesquisa transitou entre um governo e outro, o que permitiu perceber que as preocupações apontadas por Jacquinet-Delaunay, por enquanto, estão sob controle. A SEED manteve os aparelhos em sala, a equipe do setor Multimeios responsáveis pela TV Multimídia continuam atuando e os arquivos do portal Dia a Dia Educação, destinados exclusivamente para a TV, estão sendo atualizados.

O governo atual modificou o *layout* da página na internet da SEED, mas a seção reservada à TV Multimídia não foi retirada do ar e permanece com o conteúdo dos anos anteriores. Isso mostra a continuidade do projeto e que a permanência das TVs nas salas de aula está consolidada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. 3. ed. São Paulo: Editora Senac, 2004.

DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. Estudos de recepção: uma metodologia de análise dos meios de comunicação e a cultura escolar. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Maria F. Braga; HORN, Geraldo Balduino. **Diálogos e perspectivas de investigação**. Ijuí: Unijuí, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

JACQUINOT-DELAUNAY, Geneviève. Novas tecnologias, novas competências. Tradução de Rosa Maria Cardoso Dalla Costa. **Revista Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n. 31, p. 267-284, jan./jun. 2008.

_____. **La escuela frente a las pantallas** (A escola ante as telas). Tradução de Marta Marin. 2. ed. Buenos Aires: Aique Grupo Editor, 1985.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. (Coleção Temas & Educação).

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. v. 12.

SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Silvio Sánchez (Org.). **Pesquisa Educacional**: quantidade-qualidade. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009. v. 42, p. 95. (Coleção Questões da Nossa Época).

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. Comunicação / Educação, a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato: Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação**, v. 1, n. 2, p. 19-74, jan./mar. 1999.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.